

Representações e vivências da sexualidade e da sida: o caso de adolescentes da periferia parisiense

Marta Antunes Maia

Laboratoire d'Anthropologie Sociale

52, rue du Cardinal Lemoine

75005 Paris, France

maia_marta@hotmail.com

Resumo A periferia de Paris divide-se em cidades e bairros, com perfis sociais bem distintos, que ditam os comportamentos e as representações sociais dos indivíduos até às zonas mais íntimas da sua vida como seja a sexualidade. Esta reveste, pois, nos comportamentos como nas representações, formas múltiplas, que encontramos em populações estudantis vizinhas mas separadas pela condição social e pelo contexto escolar em que se inserem. Essas populações distinguem-se também pelos conhecimentos, crenças, atitudes e práticas no que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis, em geral, e à sida, em particular, assunto intimamente ligado ao primeiro. Para actuar eficazmente, a prevenção tem, portanto, de tomar em conta a diversidade das realidades sociais e das lógicas que regem as representações e os comportamentos dos indivíduos.

Palavras-chave Periferia parisiense; condição social; sexualidade; sida; prevenção.

Résumé La banlieue parisienne se partage entre villes et quartiers, aux profils sociaux distincts, qui dictent les comportements et les représentations sociales des individus jusqu'aux zones les plus intimes de leur vie, comme la sexualité. Celle-ci revêt, dans les comportements comme dans les représentations, des formes multiples, que l'on a trouvé parmi des populations lycéennes voisines mais séparées par la condition sociale et le contexte scolaire dans lesquels elles s'inscrivent. Ces populations se distinguent aussi par les connaissances, les croyances, les attitudes et les pratiques qu'elles manifestent par rapport aux maladies sexuellement transmissibles en général et au sida en particulier, sujet qui est intimement lié au premier. Pour agir efficacement, la prévention doit donc tenir compte de la diversité des réalités sociales et des logiques qui régissent les représentations et les comportements des individus.

Mots-clé Banlieue parisienne; condition sociale; sexualité; sida; prévention.

Preâmbulo

O trabalho do qual decorre o presente artigo (Maia, 2002), apesar de ser atinente a França, poderá servir de ponto de partida para uma reflexão em torno da situação em Portugal. Com efeito, os países, como a França, que acolhem imigrantes há várias décadas, são confrontados com vicissitudes que talvez se venham a reproduzir em Portugal. Referimo-nos particularmente à conjugação da imigração e da precariedade, situação essa que poderá ter efeitos nefastos para a sociedade no seu conjunto. Como refere Morice (2002:40):

“Clandestinos de facto ou sob a ameaça de o se converterem num deles, um importante sector de estrangeiros coloca-se, assim, na situação mental de aceitar a subserviência como um dom vindo do céu. Mas esta situação a curto prazo corre o risco de se virar contra o conjunto de sociedade. Esta vida em contínuo sobressalto traz consigo uma série de frustrações e rancores e uma aversão à sociedade de acolhimento que tornam ainda mais irreal o ideal republicano de integração.”

É necessário que Portugal, que passou recentemente de país de emigração para país de imigração, reflecta e reaja à precariedade em que vivem os seus imigrantes, nomeadamente os do Leste, imigração mais recente, a contas com máfias e, portanto, mais sujeitos às situações de ilegalidade.

No estudo que levámos a cabo sobre as representações e vivências da sexualidade e da sida entre adolescentes escolarizados (Maia, 2002), que incidiu sobre quatro estabelecimentos de ensino da periferia parisiense¹, verificaram-se tomadas de risco face às DST (doenças sexualmente transmissíveis) mais frequentes quanto mais precária é a condição social dos indivíduos.

Nota sobre a metodologia de trabalho

Dois métodos foram utilizados no estudo aqui apresentado: o qualitativo, comum em estudos etnográficos, que consiste na observação par-

¹ Por um lado, a *Institution Notre-Dame de la Providence* e o *Lycée Gregor Mendel*, estabelecimentos privados e católicos, em Vincennes, e por outro lado, o *Collège Fabien* e o *Lycée Jean Jaurès*, estabelecimentos públicos, em Montreuil.

ticipante e em entrevistas com a população inquirida², e o quantitativo, característico dos estudos sociológicos (Javeau, 1992), no qual a pesquisa se baseia essencialmente em questionários, neste caso escritos, anónimos e endereçados a 222 alunos da *Institution Notre-Dame da la Providence*, em Vincennes, e a 228 alunos do *Collège Fabien*, em Montreuil³.

Trata-se de uma investigação de carácter etnológico, mas que ousa recorrer ao questionário escrito, tentando aliá-lo às entrevistas semi-directivas próprias da etnologia. Apesar do método qualitativo conservar um lugar preponderante, o recurso a métodos tão distintos como a entrevista semi-directiva efectuada em espaços públicos e o questionário escrito e anónimo realizado na sala de aulas pode surpreender.

A entrevista é um instrumento privilegiado para a compreensão das representações e dos comportamentos dos indivíduos; mas o questionário é útil se for necessário detectar os efeitos de certos factores sociais (De Singly, 1992). O método qualitativo fornece dados mais completos e aprofundados que os inquéritos estatísticos, mas estes, por sua vez, beneficiam do anonimato (que pode ser necessário quando o objecto de estudo é do domínio da intimidade, como a sexualidade, ou do tabu), da simplicidade das respostas e da possibilidade de análise estatística por meio informático. Permite, portanto, comparar os resultados obtidos pelas entrevistas, que implicam uma relação de confiança com as pessoas interrogadas, e os resultados obtidos através de questionários escritos e anónimos, que os alunos têm tendência a assimilar a um teste. A utilização destes dois métodos permite, portanto, cruzar as informações, comparando os dois tipos de resposta numa e noutra situação, e avaliar a pertinência e a eficácia de cada um deles.

Uma pesquisa qualitativa, permite melhor do que uma análise estatística deslindar as lógicas subjacentes aos discursos dos inquiridos. Mas o questionário beneficia de um anonimato que pode ser útil quando se trata de assuntos delicados, como o da homossexualidade ou o da opinião sobre a obrigatoriedade do teste de despistagem do VIH (vírus da imunodeficiência humana), e afim de contornar discursos eticamente correctos mas

² As entrevistas (gravadas e, posteriormente, transcritas) foram realizadas fora dos estabelecimentos de ensino, à saída das aulas ou à hora de almoço, na rua ou em cafés próximos.

³ Inquérito realizado nas salas de aulas, com a colaboração do conselheiro de orientação e da professora de Ciências da Natureza no *Collège Fabien*, e, com a colaboração do director do estabelecimento e dos auxiliares educativos, na *Institution Notre-Dame da la Providence*.

não fiéis às verdadeiras opiniões dos inquiridos, mais prováveis em situação de entrevista. O método quantitativo permite igualmente questionar um maior número de indivíduos pois as respostas, breves e codificadas, admitem um tratamento informático, o que se torna necessário quando se pretende ter dados mais representativos da realidade social. Ora, no presente estudo, a utilização do método estatístico recaiu não sobre a pesquisa na sua totalidade mas apenas sobre a análise dos conhecimentos dos meios de transmissão do VIH e das atitudes em relação ao preservativo, à obrigatoriedade do teste de despistagem e aos seropositivos (pessoas portadoras do vírus). O questionário é decalcado do de uma investigação de grande envergadura realizada pelo grupo ACSF - Analyse des Comportements Sexuels en France.

Contexto sociocultural, caracterização da população

A periferia de Paris, onde se desenrolou a nossa investigação (Maia, 2002), é um território plural, cobrindo realidades diversas. Nela se ladeiam várias classes sociais, sem no entanto se misturarem; antes se distribuem por bairros em função dessa mesma condição social. Os bairros e as cidades povoados pelas classes desfavorecidas e onde se concentram os imigrantes, são chamados “quentes” (*chauds*) ou ainda “a zona” (*la zone*). Mas o simples termo que designa a periferia – *la banlieue* – evoca já esses campos de concentração da indigência, mesmo se o vasto território da periferia é, como dissemos, plural. Este termo subentende problemas de violência, de delinquência, de desemprego ...

Dois tipos de zona periférica, a dos “herdeiros” (Bourdieu e Passeron, 1964) e a dos “deserdados” estão presentes no nosso estudo sobre as representações e vivências da sexualidade e da sida entre adolescentes escolarizados com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos⁴.

Os temas centrais do nosso campo de investigação são, portanto, a adolescência, a sexualidade e a sida; três temas que se entrecruzam e que são atravessados por dois factores de análise: a condição social e a origem cultural⁵.

⁴ Definindo-se a adolescência pela puberdade e pelo crescimento (o termo do latim *adolescere* significando crescer), consideramos que o início da adolescência coincide com a puberdade – que surge, em geral, por volta dos 13 anos – e o seu termo, com o fim do ciclo de crescimento – que corresponde em média à idade de 20 anos (Choquet, 1993).

O terreno situa-se em quatro estabelecimentos de ensino⁶ de duas cidades da periferia parisiense, que se distinguem pela condição social da sua população, pela taxa de imigração e pelo plano urbanístico. Trata-se de dois estabelecimentos católicos e privados, a *Institution Notre-Dame de la Providence*, de ensino geral, e o *Lycée Gregor Mendel*, de ensino técnico-profissional, em Vincennes, e a de dois estabelecimentos públicos, o *Lycée Jean Jaurès* e o *Collège Fabien*, em Montreuil. Os estabelecimentos privados, situados na cidade burguesa de Vincennes, são frequentados por indivíduos das classes média e alta⁷; os estabelecimentos públicos, na cidade de Montreuil, concentram uma população socialmente desfavorecida e em grande parte oriunda da imigração.

A observação destas populações estudantis permitiu-nos concluir que não há um perfil do adolescente independentemente do contexto no qual ele evolui; que a periferia de Paris é composta por realidades sociais diversas; que a relação com a sexualidade não é a mesma nas diferentes comunidades que vivem em França e, sobretudo, nas diferentes classes sociais; e que em matéria de contaminação pelas DST, os comportamentos de risco inserem-se sempre em contextos sociais de maior ou menor vulnerabilidade (Bozon, 1998).

No mundo adolescente, as formas de sedução, a auto-estima, a expressão do carinho, o controlo do corpo e do seu território pessoal, a formação de casais mistos (socialmente e culturalmente), a relação com a futura aliança, a relação com o risco de transmissão do VIH, são ajustados por aprendizagens sociais, económicas e culturais que pesam consideravelmente.

Ora, Vincennes e Montreuil são cidades vizinhas mas não se inscrevem no mesmo tipo de zona periférica; entre elas permanece uma fronteira dificilmente transponível, a das classes sociais e da sua identidade em negativo, isto é, uma identidade sempre construída em oposição à outra, cada uma

⁵ As comunidades imigrantes mais presentes são a africana, a magrebina e a portuguesa. Não se pretende aqui de modo algum estabelecer uma hierarquia dos indivíduos em função da nacionalidade dos seus pais, visto que se trata de adolescentes, na sua grande maioria, nascidos em França. A distinção dos sujeitos em função do contexto cultural familiar depende unicamente das necessidades de análise antropológica. Ademais, como veremos, o factor cultural revela-se absolutamente secundário comparado com o factor social.

⁶ Correspondentes ao 3º ciclo e ensino secundário.

⁷ No entanto, o *Lycée Gregor Mendel* recebe alunos de condições sociais mais diversas do que a *Institution Notre-Dame de la Providence*, onde predominam as classes média e alta francesas e rareiam os alunos cujos pais são imigrantes.

dela procurando o seu poder, no seu campo e com os seus meios. A construção dessa identidade assenta num capital cultural e simbólico (Bourdieu e Passeron, 1964) próprio a cada grupo e exprime-se, por exemplo, através da indumentária (que ilustra a recusa dos jovens de meios favorecidos em vestir fatos de treino em oposição aos jovens das classes desfavorecidas que fazem da roupa de desporto um uniforme), da linguagem (decalçada sobre o modelo escolar nos jovens “herdeiros”; e pontuada de juras, de palavrões e de calão entre os jovens “deserdados”), do meneio, da trajetória escolar, dos comportamentos sexuais, etc. A valorização de si, que passa sobretudo pelos recursos materiais e pelos resultados escolares para os primeiros; pela demonstração da força, seja ela física, verbal ou psicológica, para os segundos (Lepoutre, 1997; Duret, 1999), adverte para as desigualdades sociais face à escola e à cultura (Bourdieu e Passeron, 1964).

A exclusão não se exprime tanto geograficamente, em relação a um centro urbano – Paris – cuja periferia seria uniformemente precária, mas antes em termos socioeconómicos. A marginalidade não é espacial, mas social, isto é, a situação periférica não é, por si só, o único sinal da marginalidade, pois mesmo se, como dissemos, o termo *la banlieue* evoca a precariedade e a violência, a periferia é composta de realidades diversas, que se ladeiam sem se confundirem.

Além da “zona periférica”, o tipo de estabelecimento frequentado é igualmente determinante na construção da identidade social dos sujeitos. Assim, mesmo se muitos alunos da *Institution Notre-Dame de la Providence* vivem na periferia parisiense, em primeiro lugar, trata-se da periferia dos “herdeiros”, em segundo lugar, é na escola que passam grande parte do seu tempo e que tecem as suas relações de sociabilidade. Mesmo se dela são vizinhos, nenhum contacto se estabelece com a periferia “deserdada”, nenhuma das suas normas, valores ou modos de vida são adoptados. O meio escolar funciona como um importante factor de construção da sociabilidade e de inserção numa dada categoria social. Estar inscrito nesta escola selectiva⁸ significa frequentar gente de estatuto social elevado, frequentar

⁸ A selecção, que passa pelos resultados escolares e pelo capital económico, visto que se pagam mensalidades, é rigorosa, tal como as regras da instituição: é proibido fumar, usar boné, trazer jogos electrónicos para a escola, sair do estabelecimento, etc.; os rapazes estão proibidos de ter o cabelo comprido e de usar brinco enquanto as raparigas não podem usar mini-saias ou abusar na maquilhagem; é mal visto atar a camisola à cintura e vestir fato de treino; o mau comportamento é sinónimo de expulsão ... O sistema escolar, sepa-

um lugar onde se aprende a comportar-se em função dessa pertença social, inserir-se numa certa “categoria”, num grupo que possui os seus códigos, valores, representações e comportamentos próprios. Aprende-se a ser membro de um grupo aderindo à sua cultura. O sistema escolar redobra, deste modo, a acção dos determinismos sociais (Bourdieu e Passeron, 1964).

Assim se perfilam grupos de indivíduos que, mesmo pertencendo à mesma geração e à mesma região geográfica, não participam da mesma (sub)cultura, com o seu cortejo de gostos, de opiniões, de marcas corporais e verbais, nem às mesmas redes de relações sociais e amorosas. O sistema cultural próprio à sociedade em geral comporta sub-sistemas que articulam diferentes espaços sociais. As categorias sociais são um dos compostos que determinam o desdobramento das sub-culturas.

Cremos, ademais, que as diferenças de carácter social têm maior peso do que as de origem cultural, vindo assim contradizer as teses culturalistas que categorizam os indivíduos em função da *origem cultural*, que tendem a separar as diferentes comunidades culturais que vivem num mesmo território em sistemas de crenças e de comportamentos fechados, que seriam produto unicamente da origem cultural dos indivíduos, e que dão a ilusão de especificidades comunitárias, numa procura de “essencialização” da cultura e de “sobre-determinação” pelo cultural que negligencia a condição social. Esta tendência “eticizante” acomoda-se às análises em termos de “choque de culturas” e “naturaliza” o cultural (Fassin, 2000; 2002; Bonnet, 2000). Observámos, pelo contrário, muitos pontos em comum entre indivíduos oriundos das diversas comunidades imigrantes em França – nomeadamente a africana, a magrebina e a portuguesa – que se traduzem numa convergência de comportamentos, atitudes, valores, crenças, representações e vivências em função de um mesmo meio social, o que nos levou a falar de *transculturalidade* nesta periferia “deserdada” de aparência multicultural.

De facto, os jovens inventam uma transculturalidade que é uma simbiose original da diversidade cultural, de modo a encontrar pontos de referência da identidade e a unir-se na diferença, num pano de fundo de exclusão social. Num contexto multicultural e sob a pressão de uma situação socialmente precária, os jovens da “zona” inventam uma mesquagem cultural e linguística, forjando-se uma identidade própria que

rado entre público e privado, amplifica, deste modo, a diferença já existente entre pobres e ricos, tanto em capital económico como em capital cultural e simbólico.

é também um instrumento de afirmação social. A situação minoritária é assim transformada num meio de construção da identidade. O *rap*, por exemplo, enquanto música contestatária e vector da originalidade destes jovens, mistura, no plano linguístico, línguas africanas, árabe e francês. A transculturalidade, brassadura original de culturas, exprime a solidariedade no interior do grupo e uma identidade nova onde o contexto social é a referência essencial. O fenómeno *a priori* cultural que é o dos jovens oriundos da imigração que procuram a sua identidade cultural e que a encontram numa síntese original de diversos elementos culturais, transforma-se em fenómeno social pois o grupo de pares partilha os mesmos valores independentemente da origem cultural, participa e identifica-se a esta nova identidade, formando assim uma transculturalidade. Esta é composta por um conjunto de valores, de códigos comportamentais, corporais, verbais, de representações colectivas, e é o signo de uma necessidade de reconhecimento social.

As populações estudadas são, em geral, estanques no plano da sociabilidade. Os adolescentes recrutam os seus amigos no meio social onde eles mesmos estão inseridos. Assim, os de Montreuil, à imagem da cidade, têm amigos com origens culturais mais diversificadas que os de Vincennes, cujo ambiente é cultural e socialmente mais homogéneo: 77% dos sujeitos inquiridos na *Institution Notre-Dame de la Providence* são franceses de pais franceses⁹ contra 18% no *Lycée Jean Jaurès*. O espaço da sociabilidade é igualmente distinto: os adolescentes das classes abastadas reúnem-se em torno de locais privados ou fechados e frequentemente pagos, como as salas de cinema, as discotecas, as festas privadas, os ginásios; enquanto que para as camadas desfavorecidas a sociabilidade limita-se frequentemente aos locais públicos, como a rua e os centros comerciais (Augé, 1992).

Os imigrantes são os primeiros afectados pela precariedade. Quando o desemprego aumenta, os trabalhadores imigrantes tornam-se os bodes expiatórios de todos os males. Uma amálgama instala-se entre imigrante e degradação, imigrante e delinquência. As tensões sociais são “etnici-

⁹ Em oposição aos franceses cujos pais são estrangeiros. Não se pretende, como já referimos, categorizar os indivíduos em função da nacionalidade dos seus pais, ou seja, da origem cultural, mas tão somente de introduzir um indicador de análise que se acompanha da identificação simultânea de variáveis socioeconómicas, não procurando, portanto, sistematizar a referência à origem estrangeira.

zadas”, ou seja, atribuem-se (iniquamente) as consequências da fractura social crescente a determinadas categorias de imigrantes. Um sentimento de exclusão é, por isso, perceptível nos filhos de imigrantes dos meios sociais mais desfavorecidos, que se traduz numa falta de autoconfiança, numa incerteza face ao futuro e em expressões de mal-estar e de revolta. Como atesta Morice (2002:40) “salvo raras excepções, a situação do imigrado não é psicologicamente invejável. É uma fonte constante de humilhação, de perda de autoconfiança e de stress”; e a sociedade dita de acolhimento “não cessa de reintroduzir nos seus esquemas mentais um imaginário depreciativo ligado às suas origens.” A propensão para depreciar e rejeitar o outro por parte dos jovens das classes abastadas acentua o fosso já existente entre os jovens de diferente condição social. Por exemplo, os jovens que encontramos na *Institution Notre-Dame de la Providence* estimam que é um privilégio para os estrangeiros beneficiarem dos mesmos direitos (a Segurança Social, por exemplo) que os nacionais (esquecendo-se, justamente, que não têm os mesmos direitos, a começar pela expressão da cidadania através do voto¹⁰); têm muito poucos amigos de origem estrangeira, permanecendo na ignorância das outras culturas, ignorância propícia à formação de estereótipos e de sentimentos etnocêntricos; não desejam misturar-se com jovens de condição social mais modesta, permanecendo assim em grupos homogêneos e herméticos; e não reconhecem que o racismo é um obstáculo à integração social. A população inquirida de Montreuil pensa, pelo contrário, que a sociedade francesa não oferece um ambiente favorável à integração dos imigrantes, em particular pelo racismo e pela exclusão que se manifestam nomeadamente no mundo do trabalho¹¹. Os jovens têm consciência disso, o que

¹⁰ De notar, a esse propósito, que o projecto da Constituição da U.E. (União Europeia), à semelhança dos Tratados anteriores, estabelece que “possui a cidadania da UE todo o nacional de um Estado-Membro”. Esta disposição exclui do conceito de cidadania da UE 15 milhões de pessoas, naturais de Estados terceiros (Petição: “Um milhão de assinaturas a favor de uma cidadania europeia de residência”, 2004).

¹¹ A comunidade portuguesa constitui de certa forma uma excepção pois encontra-se mais favorecida socialmente do que as outras comunidades imigrantes, o que, aliás, dá azo a expressões de racismo para com estas últimas. A taxa de desemprego chega a ser mais baixa entre os imigrantes portugueses do que na população francesa em geral. Os Portugueses sofrem raramente de situações de precariedade e de manifestações de racismo, mesmo que sejam representados como um povo submisso e sejam objecto de alguns estereótipos.

agrava a falta de confiança no futuro, na sociedade e neles próprios, e que pode traduzir-se numa “agressividade-ricochete” em resposta a um sentimento de injustiça e de revolta contra a exclusão social e a precariedade económica. A impossibilidade de atingir objectivos socialmente valorizados, as repetidas situações de insucesso nos planos escolar, social e afectivo, são factores geradores de violência (Dubet, 1987).

A precariedade, a violência e a droga, que fazem parte do quotidiano dos jovens da “zona” repercutem-se na sua vida amorosa. Seduzir torna-se mais difícil quando não se possui os meios financeiros que permitem “*sortir*”, termo que, em francês, significa simultaneamente sair e namorar, por extensão às saídas do casal para locais propícios ao namoro (bares, discotecas, jardins, salas de cinema, restaurantes, etc.). Este termo remete ainda para a saída da infância que representa a entrada na sexualidade. “Sair” é, desta forma, um acto de autonomia do corpo. A falta de recursos financeiros pode tornar-se um obstáculo a esse acto de autonomia. A procura de autonomia segue então outros modos de expressão que podem ser actos de transgressão.

Representações e comportamentos sexuais na população estudantil

As representações da sexualidade e os comportamentos sexuais são, bem entendido, moldados pelo contexto social em que se inscrevem os indivíduos. A partir dos dados do nosso inquérito (Maia, 2002) podemos apontar uma primeira diferença quanto às representações do género face ao amor e ao sexo: os adolescentes das classes populares estimam que os homens têm maior necessidade de ter relações sexuais do que as mulheres e que estas, por sua vez, carecem mais de afectividade. Por sua vez, os adolescentes das classes abastadas fazem menos distinções baseadas no género a esse respeito pois, como afirma Bourdieu (1998), quanto mais descemos na escala social, mais importância ganha o imperativo de virilidade para o género masculino.

Do mesmo modo, as raparigas têm uma opinião depreciativa da pornografia, ao contrário dos rapazes para quem ela é um modo corrente de aprendizagem da sexualidade. Para as raparigas, o amor é indissociável do sexo, enquanto que os rapazes têm frequentemente relações sem estarem apaixonados e revelam-no facilmente, o que aumenta o seu sentimento de

virilidade. Eles são sexualmente mais precoces do que elas¹² (se bem que a dimensão desta diferença seja variável em função do contexto socio-cultural). Para eles, sobretudo para os mais jovens, o que motiva as conquistas amorosas é essencialmente a aparência física, ao passo que para elas as qualidades morais são igualmente importantes. Mas mais uma vez, a condição social arrasta consigo algumas *nuances*, pois essa diferença aplica-se menos às raparigas das classes populares (que evocam frequentemente as qualidades físicas dos seus namorados) do que às raparigas das classes abastadas. Além disso, mesmo se os inquiridos do sexo masculino dificilmente confessam estar apaixonados, os discursos nem sempre correspondem à vivência. De facto, os rapazes têm tendência a esconder os seus sentimentos e a sobrevalorizar o número das suas parceiras sexuais¹³, contrariamente às raparigas, pois os primeiros têm a obrigação social de se mostrarem viris enquanto é exigido delas que os seus comportamentos se mantenham sob o signo da moderação e do comedimento. Contudo, a sobrevalorização do número de parceiros sexuais é mais comum entre os alunos dos estabelecimentos públicos do que entre os dos estabelecimentos privados. Por sua vez, as raparigas mostram relutância em confessar que têm práticas sexuais dissociadas do sentimento de amor, mas as entrevistas mais aprofundadas contradizem os primeiros discursos exibidos (Maia, 2002). A mudança passa em primeiro lugar pelos comportamentos, as representações e os discursos servindo antes para manter a aparência da conformidade com a norma, guarda da boa reputação.

Há, portanto, que não negligenciar os factores sociais na análise etnológica e evitar os culturalismos¹⁴ (Fassin, 2000; 2002), pois além do factor “origem cultural” ter, como vimos, pouco peso no contexto presente, a estratificação social impõe diferenças no seio de uma mesma “comunidade cultural”. Desta forma, os adolescentes franceses de pais franceses

¹² Contudo, há que tomar em conta a sobredeclaração das práticas precoces pelos rapazes, enquanto que estas práticas não são socialmente valorizadas para as raparigas (Lagrange *et al.*, 1997).

¹³ Falamos aqui apenas de relações heterossexuais pois nenhum dos entrevistados (28 na *Institution Notre-Dame de la Providence*, 28 no *Lycée Gregor Mendel* e 22 no *Lycée Jean Jaurès*) declarou ser homossexual. No *Collège Fabien* os alunos foram inquiridos apenas através de questionários escritos.

¹⁴ O culturalismo é actualmente, em França, alvo de vivas críticas, nomeadamente pela utilização inflacionista do argumento cultural. Ver, por exemplo, Bayart (1996).

são, na globalidade, mais tolerantes face à homossexualidade¹⁵ do que os filhos de imigrantes magrebinos e portugueses mas, entre os primeiros, há que ter em conta que os sujeitos de alta condição social representam-se a homossexualidade como algo de “*natural e normal*”, enquanto os de condição social modesta, mesmo se afirmam tolerar a homossexualidade, encaram-na igualmente como um atentado contra a virilidade e a honra masculina (Maia, 2002).

A virilidade é um valor caro aos adolescentes da “zona” e modela igualmente as representações da masturbação – que estimam, mais do que os seus camaradas de Vincennes, uma prática legítima e corrente unicamente para o sexo masculino; da afectividade – que associam ao feminino mais do que ao masculino –; da prostituição – que não condenam –, ao contrário dos inquiridos de Vincennes; e da pornografia – que lhes serve de aprendizagem da sexualidade¹⁶.

Outra diferença socialmente determinada diz respeito à maior precocidade sexual entre os indivíduos das classes desfavorecidas¹⁷, com excepção das filhas de pais magrebinos e portugueses, mais tardias, pois a primeira relação sexual significa para elas uma perda – a da virgindade – e não um ganho – o da experiência. Para os adolescentes das classes populares, a primeira relação sexual significa sobretudo um acto de iniciação, enquanto que para os adolescentes das classes média e alta, os valores sobrepõem-se à experiência e à proeza sexual. Estes dados corroboram os da pesquisa de âmbito nacional sobre a sexualidade dos jovens ACSJ (Analyse des Comportements Sexuels des Jeunes), publicada em 1997 no seguimento da já referida ACSF e dirigida por Lagrange e Lhomond (1997).

Finalmente, há a notar o facto dos inquiridos das classes desfavorecidas terem uma experiência acrescida no âmbito das relações amorosas culturalmente mistas, o que se deve sobretudo ao contexto multicultural em que vivem, ao contrário dos adolescentes socialmente mais dotados. A escolha amorosa efectua-se por referência a imagens familiares e sociais, o que se traduz numa pressão no sentido de uma homogeneidade social

¹⁵ Sobre a homossexualidade ver, por exemplo, Broca *et al.* (2003).

¹⁶ Sobre a valorização da virilidade nas classes populares, remetemos para a obra de Bourdieu (1970; 1979; 1998) mas numerosos são os autores que abordaram esta questão. Sobre a prostituição, ver Nor (2001). Sobre a pornografia, ver Baudry (1997).

e cultural dos casais (Varro, 1995). A escolha de um(a) namorado(a) culturalmente diferente é favorecida pelo contexto multicultural no qual se inscreve o indivíduo. Um ambiente multicultural é mais propício ao estabelecimento de laços interculturais. Os casais mistos são portanto mais frequentes em Montreuil do que em Vincennes, pelas características, como vimos, de cada uma destas cidades¹⁸.

Lógicas comportamentais de risco face à sida

A transmissão do VIH é, desde os anos 1980, um novo dado na sexualidade, mas não ocultou nem mudou o sistema de crenças em vigor, decalcado sobre os papéis tradicionais dos homens e das mulheres. As práticas sexuais são também práticas sociais (Bozon, 1998).

As representações e as atitudes face à sida são, bem entendido, moldadas pelo contexto sociocultural, mas os comportamentos de risco estão presentes em ambos os grupos observados, se bem que a diversos graus e por diferentes razões. Os alunos dos estabelecimentos públicos revelam-se insuficientemente informados, sobretudo os mais jovens; não é raro que as relações sexuais ocorram sob o efeito da droga ou do álcool, situação propícia aos comportamentos de risco; e o imperativo da virilidade pode induzir nos rapazes um perigoso sentimento de (ilusório) domínio sobre a natureza e o decorrer dos acontecimentos. Por seu turno, os alunos dos estabelecimentos privados, mesmo se estão bem informados, pois beneficiam anualmente de campanhas de prevenção na escola, sentem-se protegidos pela sua pertença social, tanto mais que recrutam os seus parceiros sexuais no seu próprio meio social, isto é, entre pessoas que estimam serem “*de bem*”; e pelos sentimentos sobre os quais assentam a relação amorosa, representando-se o amor e a confiança como uma garantia de protecção e de saúde. As primeiras relações sexuais são protegidas, mas o

¹⁷ Cujas primeiras relações sexuais se situam entre os 14 e os 16 anos, dois anos mais precoces que os seus pares de condição social mais avantajada, cuja iniciação sexual ocorre entre os 16 e os 18 anos (Maia, 2002).

¹⁸ Desde os anos 1970, num contexto de fluxos migrantes crescentes, a temática da interculturalidade suscitou o interesse de inúmeros investigadores (antropólogos, sociólogos, educadores sociais, psicólogos, etc.). Ler, por exemplo, Amselle (1996).

preservativo é (pouco) mais tarde abandonado, substituído pela confiança mútua¹⁹, a maioria das vezes sem testes de despistagem prévios²⁰.

A adesão ao preservativo é muitas vezes avaliada pela sua utilização na primeira relação sexual (Lagrange *et al.*, 1997), mas esta não exclui o risco, ou seja, a protecção da primeira relação sexual não constitui um barómetro da utilização regular do preservativo, pois este é justamente sacrificado depois do ritual da primeira relação sexual que simboliza a porta de entrada para uma relação *de confiança*.

No imaginário adolescente, o(a) namorado(a) é puro(a) e não pode, por isso, constituir perigo. Esta denegação do risco acompanha a crença na fidelidade e na confiança mútuas como garantias de protecção. Salvo algumas excepções entre os inquiridos de Montreuil que têm por vezes práticas sexuais “*unicamente pelo prazer*”, a sexualidade é vista como uma expressão de afecto, uma troca de sentimentos “*bons*”, uma dádiva de si mesmo, um compromisso e uma prova de confiança. O preservativo é então interpretado pelos adolescentes como um gesto para se preservar do outro, um gesto de desconfiança contrário à sua representação do amor. Assim, os seus conhecimentos sobre as DST nem sempre se traduzem em práticas racionais de evitamento do risco (Ludwig, 1990).

Verifica-se, portanto, uma oposição entre uma *alteridade nefasta*, um risco que proviria do *outro diferente*, e uma *proximidade protectora*. Por exemplo, uma relação com alguém com bastante mais idade ou de um meio social diferente será considerada mais perigosa do que uma relação entre pessoas consideradas *próximas*. Assim, o medo da contaminação pelo VIH não é matematicamente proporcional aos riscos reais, antes é ditado por uma lógica particular, a da *confiança/desconfiança* (Mendes-Leite, 1995). O sujeito depositará uma confiança cega na pessoa da qual está apaixonado, mesmo se não conhece o seu passado e, sobretudo, o seu

¹⁹ Como ilustra este testemunho de uma aluna do *Lycée Gregor Mendel*: “*J’ai utilisé le préservatif au début. Après, c’était sans. On l’a fait des fois sans préservatif parce que c’est quand même un peu mieux, t’as pas de barrière entre les deux. Et pour le sida, on était sûr l’un de l’autre. J’avais vraiment une totale confiance en lui et je savais qu’entre nous c’était vraiment de l’amour.* »

²⁰ Segundo o inquérito realizado por questionário na *Institution Notre-Dame de la Providence* e no *Collège Fabien*, respectivamente 57% e 60,6% dos inquiridos sexualmente activos (87,8% e 92,2% se contarmos o conjunto total dos inquiridos) nunca realizaram um teste de despistagem do VIH. Nas entrevistas, o número é maior ainda, pois a grande maioria dos entrevistados afirmou nunca ter efectuado o teste.

estatuto serológico, mas desconfiará de uma pessoa seropositiva, que irá representar-se como uma pessoa “*pouco frequentável*”. Neste contexto, ter relações sem preservativo com pessoas das quais desconhecem o estatuto serológico não é uma situação rara para os nossos inquiridos, sem no entanto terem o sentimento de correr um risco, mas recusariam beijar uma pessoa seropositiva, mesmo sabendo que a saliva não é um vector de transmissão do VIH. Do mesmo modo, para um simples contacto como o de apertar a mão ou ainda a utilização de casas de banho públicas, o sentimento de correr um risco de contaminação é amplificado pelo medo (irracional) da infecção²¹.

Nas representações, a seropositividade permanece ainda, por vezes, associada à marginalidade (Augé e Herzlich, 1994). Por conseguinte, perante alguém que lhes parece “*normal*” e “*honesto*”, os adolescentes não sentem necessidade de se protegerem. Sob o pretexto da normalidade social, sentem-se fora de perigo de contaminação. Este sentimento está ligado à ideia que subsiste sobretudo entre as pessoas menos informadas sobre as DST, em geral, e a sida, em particular, (ou seja, sobretudo entre os sujeitos das camadas sociais mais desfavorecidas), de que apenas os “*marginais*” (toxicómanos, homossexuais, imigrantes africanos em situação precária, etc.) correm o risco de estarem infectados por um vírus. Deste modo, os indivíduos inquiridos adoptam uma pluralidade de lógicas preventivas (irracionais) no sentido de se colocarem dentro da “*norma*” e fora de perigo, lógicas essas que vão desde a estratégia de evitamento de parceiros “*potencialmente perigosos*” até à “*selecção*” das conquistas amorosas, baseada num juízo estético ou ético do outro, passando pela restrição das relações amorosas às pessoas “*próximas*” (com a mesma origem social e cultural, a mesma idade, etc.) e pela fidelidade, tantas vezes avançada, mesmo pelos meios de prevenção oficiais²², como uma medida

²¹ A crença numa “*protecção*” pela confiança e pela “*selecção*” (do parceiro sexual) a partir do seu aspecto estético ou das suas qualidades morais, pode surgir noutras situações da vida além das conquistas amorosas. É o caso dos cuidados dentários ou da prática do piercing: a honestidade do sujeito interveniente é tomada como uma garantia de protecção (Maia, 2002). Sobre a selecção nas relações amorosas como medida de prevenção contra a sida, ver Maillolchon (1998).

²² Em Portugal, um dos cartazes de prevenção editado, no final dos anos 90, pela CNLCS (Comissão Nacional de Luta Contra a Sida), apela claramente à fidelidade como medida de prevenção da sida.

de protecção, mas que na realidade pode facilmente tornar-se numa ilusão de protecção²³.

Entraves à prevenção

A prevalência da sida entre indivíduos que são já alvo de preconceitos produz um agravamento da discriminação dessas populações e, simultaneamente, uma acusação de marginalidade ou desrespeito das normas sociais e uma imputação de caracteres negativos às pessoas contaminadas (Augé e Herzlich, 1994). Por conseguinte, as pessoas seropositivas serão julgadas responsáveis pela sua doença, e mesmo culpadas e condenáveis pela contaminação de outras pessoas. Nesta lógica, uma criança infectada através de uma transfusão sanguínea será considerada “inocente”, ao contrário de um indivíduo contaminado por via sexual, que será considerado “culpado”. Um toxicómano será visto como duplamente “culpado” pois desacatou simultaneamente uma norma social e um interdito legal. Do mesmo modo, uma mulher seropositiva, contaminada por via sexual, é julgada mais responsável pelo seu estado do que um homem, pois “não devia” ter relações sexuais com “um qualquer”, enquanto o mesmo comportamento faz parte da “natureza masculina”, é para ele “normal” (Handman, 1997). Assim se instala no sistema de crenças e valores da população, a ideia de uma suposta *intencionalidade* da transmissão do VIH (“*ele/ela ama-me, nunca me faria tal coisa, não me pode acontecer nenhum mal*”) acompanhada de uma hierarquização das “responsabilidades”, e a convicção de que a confiança mútua pode servir de escudo contra a sida.

Mesmo se a tolerância aumenta com o nível de conhecimentos, um sentimento de vergonha e de culpabilidade permanece associado a esta doença. A ideia que a contaminação é o efeito de um comportamento “desviante”, fora da norma, persiste apesar da melhoria dos conhecimentos gerais da população e da banalização do assunto. Ter o vírus da sida seria vergonhoso e estigmatizante porque a contaminação está ligada a comportamentos considerados imorais, excepto no caso da contaminação por transfusão sanguínea. Seria também um motivo suficiente para perder

²³ É inútil ser-se fiel ao(à) seu(sua) parceiro(a) sexual se não se conhece o seu estatuto serológico ...

o pleno direito a uma vida amorosa. De facto, a grande maioria dos nossos interlocutores deixaria o seu namorado ou a sua namorada se soubesse da sua seropositividade e não namoraria com alguém cuja seropositividade fosse sabida de todos (Maia, 2002).

Um segundo entrave à prevenção reside na insuficiente implicação das raparigas na gestão profiláctica, pois concentram a sua preocupação na pílula contraceptiva. O preservativo permanece um assunto masculino (são eles que compram os preservativos, que os têm, que decidem ou não utilizá-los e que os colocam) e acontece não raras vezes que a relação sexual ocorra sem protecção simplesmente porque o rapaz não tem um preservativo à disposição. Além disso, o facto de ser ele a manipular o preservativo do início ao fim, desde o acto da compra até ao final da sua utilização, é vivido como um acto solitário e prejudicial ao prazer. Uma rapariga que ande com preservativos no bolso será mal vista, pois há uma denegação da sexualidade feminina, sobretudo nas populações oriundas da imigração magrebina e portuguesa e da classe burguesa. É uma *partilha de tarefas* (rapariga - pílula contraceptiva/rapaz - preservativo), aliás associada a uma diferenciação *de género* da sexualidade (sexualidade feminina - sentimentos de amor e de dádiva e maternidade/sexualidade masculina - busca do prazer), que pode constituir um obstáculo à prevenção das DST (Maia, 2002).

A maior parte das raparigas concentram as suas preocupações em torno da gravidez e sentem-se “fora de perigo” quando têm uma contracepção oral. Pensam que o “outro” assunto, o da profilaxia das doenças, não lhes diz respeito, e entregam-no às mãos dos seus parceiros. Por sua vez, os rapazes estão frequentemente mais preocupados com o seu desempenho sexual do que com os riscos inerentes à sexualidade, achando que a partir de uma certa idade já sabem ou devem saber tudo sobre o sexo, e tentando mostrar-se seguros de si, afirmar a sua virilidade e o seu estatuto de “iniciados”. Assim, os rapazes, sobretudo nos meios populares, forçam a sua despreocupação, fingem não se inquietarem com nada e afirmam já não se colocarem questões algumas em matéria de sexualidade. A primeira relação sexual²⁴

²⁴ Que ocorre, neste estudo, entre os 15 e os 18 anos, havendo, contudo, maior precocidade nas populações de baixa condição social. De notar igualmente que a diferença de idade na primeira relação sexual entre rapazes e raparigas é maior para os adolescentes de origem magrebina e portuguesa do que para os outros em geral. Os dados da ACSJ, cuja amostra populacional é de 6500 indivíduos dos 15 aos 18 anos, situam a idade da primeira relação sexual nos 17 anos.

representa para eles o acesso ao estatuto de homem, e afirmam de honrá-lo, sobrevalorizam os seus sentimentos de autoconfiança, convencidos que sabem tudo e podem controlar tudo o que diz respeito à sexualidade. O problema da sida passa então para segundo plano (Maia, 2002).

A contraceção permanece associada exclusivamente à pílula e o preservativo à profilaxia contra as DST. Por conseguinte, há um abandono do preservativo em prol da contraceção oral (Lagrange *et al.*, 1997), por vezes já presente. A presença da pílula pode assim constituir um obstáculo à criação do hábito de utilização do preservativo, como notaram Lagrange *et al.* (1997).

Aqueles que estão mais familiarizados com o preservativo, em particular os adolescentes que beneficiaram de campanhas de prevenção na escola e que nunca tiveram relações sexuais desprotegidas, aceitam-no mais facilmente e não o consideram como um elemento perturbador do prazer e da relação sexual. Por conseguinte, as campanhas de prevenção são primordiais nos meios desfavorecidos, onde os adolescentes são sexualmente mais precoces e mais activos e têm, geralmente, mais comportamentos de risco²⁵. Mas essas campanhas deveriam realizar-se fora do quadro escolar para evitar que as informações não sejam associadas a um discurso teórico “*inútil*”, “*para esquecer*” e sem ligação alguma à realidade exterior (à escola), à imagem dos conteúdos teóricos escolares (Maia, 2002).

Há que ter em conta que a informação mal adaptada à realidade adolescente (por exemplo, quando não responde às suas lógicas e representações, mas também quando é demasiado tecnicista) não traz uma consciencialização do risco, o que pode ter efeitos perversos. A maioria dos adolescentes conhecem todos os detalhes dos mecanismos biológicos da transmissão do vírus mas, frequentemente, por um lado, pensam que a questão da sida não lhes diz respeito e, por outro lado, desenvolvem (perigosos) sentimentos de segurança pelo simples facto de estarem bem informados. A própria informação cria o sentimento de estarem fora de perigo (“*estou bem informado, por isso não corro perigo*”).

Nos estabelecimentos de ensino, em geral, a prevenção, quando a há, faz-se no seio das aulas de Ciências da Natureza, o que pode acarretar, nos adolescentes, o sentimento de terem sido insistentemente informados com

²⁵ O risco está fortemente presente nas suas vidas (risco de insucesso escolar, risco de consumo de drogas, risco de desemprego, risco de precariedade, risco de exclusão, etc.) e, por conseguinte, é banalizado. Ver Le Breton (1995).

informações relativas à sida. Sob esta forma, a informação é ressentida como uma intrusão da escola – lugar de desprazer – nas suas vidas íntimas – lugar de prazer – e como um modo demasiado tecnicista de abordar a sexualidade. Os conhecimentos adquiridos no quadro escolar são dificilmente transponíveis para a realidade exterior à escola. A teoria aparece separada da prática.

Bibliografia

- Amselle, J.-L. 1996. *Vers un multiculturalisme français. L'empire de la coutume*. Paris, Aubier.
- Augé, M. 1992. *Non-lieux: introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris, Seuil.
- Augé, M.; Herzlich, C. 1994. *Le sens du mal, anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*. Paris, Archives Contemporaines.
- Baudry, P. 1997. *La pornographie et ses images*. Paris, Armand Colin.
- Bayart, J.-F. 1996. *L'illusion identitaire*. Paris, Fayard.
- Bonnet, D. 2000. Au-delà du gène et de la culture. *Hommes et Migrations. Santé, le traitement de la différence*, 1225: 23-38.
- Bourdieu, P. 1979. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Éditions Bourdieu, P. 1998. *La domination masculine*. Paris, Seuil.
- Bourdieu, P.; Passeron, J.-C. 1964. *Les Héritiers*. Paris, Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P.; Passeron, J.-C. 1970. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris, Éditions de Minuit.
- Bozon, M. 1998. La sexualité a-t-elle changé? Regards sur l'activité sexuelle et sur ses significations à l'ère du sida. In: Bajos, N.; Bozon, M.; Ferrand, A.; Giami, A.; Spira, A. (eds.). *La sexualité aux temps du sida*. Paris, Presses Universitaires de France: 11-34.
- Broca, C.; Lert, F.; Souteyrand, Y. (eds). 2003. *Homosexualités au temps du sida. Tensions sociales et identitaires*. Paris, Agence Nationale de Recherche sur le Sida.
- Choquet, M. 1993. *Adolescence: physiologie, épidémiologie, sociologie*. Paris, Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale/Nathan.
- De Singly, F. 1992. *L'enquête et ses méthodes: le questionnaire*. Paris, Nathan.
- Dubet, F. 1987. *La galère: jeunes en survie*. Paris, Arthème Fayard.
- Duret, P. 1999. *Les jeunes et l'identité masculine*. Paris, Presses Universitaires de France.

- Fassin, D. 2000. Repenser les enjeux de santé autour de l'immigration. *Hommes et Migrations: santé, le traitement de la différence*, 1225: 5-12.
- Fassin, D. 2002. Sida, immigration et inégalité: nouvelles réalités, nouveaux enjeux. *Sida, immigration et inégalités*, Paris, Agence Nationale de Recherche sur le Sida: 1-11.
- Handman, M.-E. 1997. La stigmatisation des femmes à travers les représentations du sida véhiculées par les médias. *Transcriptase*, 52: 12-13.
- Javeau, C. 1992. *L'enquête par questionnaire*. Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles.
- Lagrange, H.; Lhomond, B.; Groupe ACSJ. 1997. *L'entrée dans la sexualité: le comportement des jeunes dans le contexte du sida*. Paris, La Découverte/Syros.
- Le Breton, D. 1995. *La sociologie du risque*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Lepoutre, D. 1997. *Cœur de banlieue. Codes, rites et langages*. Paris, Odile Jacob.
- Ludwig, D. 1990. Analyse de quelques réactions au sida dans une population étudiante. In: Job-Spira, N.; Spencer, B.; Moatti, J.-P.; Bouvet, E. (eds.). *Santé publique et maladies à transmission sexuelle: des voies de recherche pour l'avenir*. Paris, Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale: 512-515.
- Maia, M. Antunes 2002. *Les représentations et le vécu de la sexualité chez des adolescents scolarisés de la banlieue parisienne*. Thèse de Doctorat en Anthropologie Sociale et Ethnologie. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Maillochon, F. 1998. *Élection des partenaires au temps du sida. Une approche configurationnelle des relations des jeunes*. Thèse en Sociologie. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Mendes-Leite, R. 1995. Identité et altérité. Protections imaginaires et symboliques face au sida. *Gradhiva*, 18: 93-103.
- Moatti, J.-P.; Gremy, I.; Obadia, Y. 1995. SIDA: dernière enquête nationale. *La Recherche*, 282: 30-34.
- Morice, A. 2002. Migrants: libre circulation et lutte contre la précarité. In: SOS Racismo (eds.). *A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal*. Lisboa, SOS Racismo: 30-59.
- Nor, M. 2001. *La prostitution*. Paris, Le Cavalier Bleu.
- Petição: "Um milhão de assinaturas a favor de uma cidadania europeia de residência". 2004. <http://www.sosracismo.pt/> [Acedido em 30-01-2004].
- Varro, G. (ed.). 1995. *Les couples mixtes et leurs enfants en France et en Allemagne*. Paris, Armand Colin.